



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8660 - Trabalho Completo - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

BIBLIOTECA POPULAR COMO PEDAGOGIA CULTURAL FEMINISTA

Marcos Felipe Gonçalves Maia - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Maria Eulina P. de Carvalho - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

BIBLIOTECA POPULAR COMO PEDAGOGIA CULTURAL FEMINISTA

Resumo: Trata da biblioteca popular como fenômeno histórico com três nuances: confusão teórica, coleção de livros e movimento social. Especialmente sobre o movimento de mulheres e o feminismo, objetiva compreender como narrativas de bibliotecas populares feministas ou de mulheres podem ser compreendidas como pedagogias culturais feministas. Foi conduzida pesquisa bibliográfica em cinco bases de dados. Como resultado apresenta a confusão teórica sobre o conceito de popular, diversas intencionalidades do conceito de biblioteca popular, e finaliza afirmando que essa tipologia de biblioteca pode ser uma pedagogia cultural feminista porque, além de formar mulheres nos diversos saberes das ciências, ainda possibilita a ampliação do espaço simbólico das mulheres.

Palavras-chave: Gênero. Feminismo. Biblioteconomia.

Introdução

Biblioteca Popular (BP) é um conceito que perpassa diversas contradições. Seja como coleção de livros, como biblioteca pública ou comunitária, ou como parte integrante de movimentos sociais em prol da qualidade da educação, ela não é apenas um conceito, mas uma prática viva.

Para Paulo Freire (2011) a BP não é apenas um prédio ou um espaço com livros catalogados e dispostos organizadamente em estantes. Ela é uma posição político-democrática. “A radicalidade democrática foi, sempre, uma das suas posições mais firmes e permanentes” (SCOCUGLIA, 2015, p. 102).

Além de espaço do encontro para a produção de conhecimentos, a BP surge nas contradições dos movimentos das culturas e das sociedades. É possível perceber três nuances diferentes, que serão apresentadas a seguir, no seu processo histórico de surgimento. Uma delas é a demanda pelo movimento de mulheres na virada do século XIX para o XX. Mesmo

não existindo o conceito de feminismo, como o movimento da BP de/para mulheres pode ser compreendido como uma pedagogia cultural feminista? Isto é, como esse artefato cultural constrói o espaço da luta de mulheres nas sociedades onde se manifestaram? Sem querer exaurir estas questões, este texto tem como objetivo compreender como narrativas sobre bibliotecas populares de/para mulheres se constituem como pedagogia cultural feminista. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica (LIMA; MIOTO, 2007) com a expressão de busca “biblioteca popular” em cinco bases de dados indicadas no Quadro 1, onde a coluna “textos utilizados” está composta pelo número de textos que atendeu aos critérios da metodologia.

Quadro 1: Distribuição do número de textos encontrados nas respectivas bases de dados

BASE	Textos encontrados	Textos utilizados
Google Acadêmico	11.900	11
Portal Periódicos CAPES	218	5
<i>Web of Science</i>	25	4
PERI/ECI/UFMG	14	2
BRAPCI	8	1
TOTAL	12.1655	23

Fonte: pesquisa direta.

Biblioteca popular: (des)caminhos e (des)conceitos

As três nuances identificadas foram: BP como confusão teórica, como coleção de livros e como movimento social. Como confusão teórica os artigos foram divididos em 3 grupos: 1) confusão entre os conceitos de biblioteca pública e comunitária, 2) esvaziamento do conceito de popular e 3) popular como alternativa à biblioteca escolar. A confusão entre os conceitos de biblioteca popular como pública ou comunitária se dá na relação da presença ou ausência do Estado (ALVES; SALCEDO; CORREIA, 2016; MACHADO, 2009). O esvaziamento do conceito de “popular” se dá quando este é utilizado como sinônimo de popularização (HENNINGTON, 1992; MARGAIX, 1996). A última parte desta primeira nuance é a ideia de BP como alternativa às bibliotecas escolares. Na BP existiriam livros diferentes daqueles encontrados nas escolas (RUBACH, 1962).

Confusão teórica porque o conceito de popular, mesmo que esteja expresso, não é problematizado. O popular é uma categoria de análise bastante complexa. Para Garcia Canclini (2019) essa categoria pode ser entendida tanto como um movimento de libertação de segmentos oprimidos, quanto uma forma de construção de identidade de uma burguesia fundante de uma nova forma social.

A segunda nuance é a ideia de BP como coleção de livros. Duas pesquisas ilustram esta categoria. A primeira foi uma experiência de um Ministro da Educação na Colômbia que criou uma coleção de livros denominada “Biblioteca Popular de Cultura Colombiana” (MARÍN COLORADO, 2017). A outra foi um movimento da igreja católica que criou também uma coleção de livros denominada “Biblioteca Popular Católica” (CRAWFORD, 1950). A primeira tentou ampliar a aceitação do neoliberalismo na Colômbia e a segunda foi uma forma de contra-argumentar discursos que enfraqueciam a fé católica no mundo, como a narrativa de Fabíola, uma parábola em resposta ao livro *Hypatia*, de Kingley.

Por fim, a terceira nuance diz respeito aos movimentos sociais. Estes são aqui compreendidos como “diversidade de movimentos e ações civis coletivas, suas articulações e os marcos

interpretativos que têm lhes atribuído sentidos e significados novos” (GOHN, 2014, p. 79). Esta é a categoria com o maior número de artigos. São bibliotecas que surgem no seio dos movimentos sociais para alfabetização e formação de leitoras/es (CORONADO, 2003; GESLOT; SANDRAS, 2017), ou como resistência a governos imperiais (RICHTER, 1979), não somente na Europa, mas também nas Américas, em especial no Brasil e Argentina (ASSIS; PALHARES, 2015; FREITAS NETA, 2000; SILVA; SILVA, 2012).

Ao tentaram problematizar a educação das classes trabalhadoras (liberais ou empregados), não focavam apenas em formação por meio da leitura, mas também na construção de espaços de encontros e trocas de saberes por meio de oralidades, filmes, exposições, danças, debates. Enfim, uma posição político-democrática, como destacou Paulo Freire (2011) no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia em 1982, em João Pessoa, Paraíba.

Outro movimento social que também atuou com a BP, foi o movimento de mulheres.

Mulher e pedagogia cultural feminista

O acesso e permanência de mulheres nos espaços de poder têm sido analisados sob a ótica das contradições. Por muito tempo mulheres não puderam votar em seus sistemas políticos, nem tiveram acesso aos sistemas laborais ou de ensino. Quando acessavam esses espaços, elas ficavam reservadas ao que se consideravam “lugares de mulheres” (NAVARRO, 2009).

Os dispositivos onde são organizados e difundidos o poder são denominados de pedagogia cultural (COSTA, 2005). São estas pedagogias culturais (TV, cinema, biblioteca, esportes, brinquedos...) onde são construídos sentidos diversos, tais como o que é ser mulher, o que é ser índio. Enfim, são dispositivos onde se ensinam e se estabelecem frequentemente “o normal, e concomitantemente, o desviante” (COSTA, 2005, p. 115). Ou seja, a pedagogia cultural pode estar a serviço de qualquer intencionalidade. A pergunta que surge é: pode ela ser feminista?

A pedagogia feminista surge no campo da crítica patriarcal no movimento político de mulheres quando começam a refletir sobre suas próprias vidas e as formas de reprodução dessas vidas oprimidas (SARDENBERG, 2011). Para Burginski (2011), essa pedagogia surge em grupos de encontros de mulheres fortalecendo o movimento feminista. Ainda segundo Cecília Sardenberg (2011), seu processo de elaboração histórica passou pelos modelos psicológico (autoestima e emancipação de mulheres), estrutural (da abordagem de classe às abordagens dos marcadores sociais das diferenças) e pelo modelo pós-estruturalista (uma tentativa de síntese dos dois modelos anteriores). Dessa maneira, a pedagogia feminista surge como prática de transformação social das vidas e das condições e posições das mulheres. Essa pedagogia denunciou a reprodução das desigualdades de gênero tanto na família quanto na escola, feita por homens brancos para homens brancos, a dominância da linguagem centrada no masculino, o ensino como ato supostamente neutro e a importância de considerá-lo como ato político. Proclamou a necessidade do reconhecimento das mulheres como produtoras de sentidos e de validação de suas interpretações da história, e a importância da promoção das diversidades em sala de aula (FORREST; ROSENBERG, 1997).

Com isso exposto, é possível compreender narrativas sobre bibliotecas populares de/para mulheres como pedagogia cultural feminista?

As narrativas sobre bibliotecas populares de/para mulheres

Em 1909 surge na Catalunha, Espanha, a “Biblioteca Popular Francesca Bonnemaison”. Embora leve o nome de popular, a biblioteca tem características de biblioteca pública. Foi a primeira biblioteca fundada na Europa para mulheres. Sua finalidade era aproximar a cultura

às mulheres e melhorar o nível cultural da mulher trabalhadora. Seu acervo chegou a ter 44 mil volumes de livros e 200 títulos de periódicos (CARDONA, 1995, p. 68).

Num processo de apagamento das diferenças, em especial das mulheres catalãs e da própria Catalunha, essa biblioteca popular das mulheres foi um espaço de educação e de registro das memórias catalãs, uma espécie de resistência nacional na diferença ao ser outra frente a guerras e ditaduras, no caso, a de Primo de Rivera (Godayol, 2009).

No exemplo da Argentina, Betancor (2010) faz uma análise da relação global/local da posição das mulheres na sociedade e como trabalhadoras, especificamente da Biblioteca Popular Neuquén, no interior daquele país. Popular aqui qualifica a biblioteca porque esta é mantida e conduzida pela população local. Nesta biblioteca as mulheres são quase que número absoluto como trabalhadoras ocupando espaços dentro da gestão também, espaços de grande inserção e relevância social local (BETANCOR, 2010, p. 101).

Machado e Machado (2012) indicam que essa conquista do trabalho remunerado pelas mulheres cresceu mais de 180% a partir de 1950. Entretanto, isso “não significou em momento algum a generosidade dos detentores desse sistema para com a atividade feminina” (MACHADO; MACHADO, 2012, p. 23). Essa entrada das mulheres nos espaços de poder, tais como as profissões, se deu por meio do movimento feminista que não buscava superioridade feminina, mas uma nova forma de socialização (FREITAS; FÉLIX; CARVALHO, 2018).

A condição da mulher em relação ao homem e deste em relação àquela é problemática, como destacou Butler (2013), não só na relação desses dois sujeitos sociais, mas no que exatamente constroi o ser homem e mulher (DE BEAUVOIR, 1949). Para Butler, por exemplo, o que se espera de uma pessoa é seguir seu destino no sistema sexo/gênero. Este sistema social induz ao pensamento de que existe uma natureza (sexo) que define um comportamento (gênero) que necessariamente leva a um desejo (heterossexualidade compulsória). Este sistema foi expresso por Rubin (1989) que o afirma como um processo histórico e não “natural”. É aí que deve ser entendido o processo de hierarquização dos sexos como diferentes, sendo um naturalmente forte, dominador, e o outro passivo, submisso.

Nos três artigos sobre bibliotecas populares de mulheres é possível perceber mulheres em luta por trabalho, educação, enfim, direito ao espaço público, ou até mesmo reconhecendo que o privado ou o “pessoal é político”. Esta frase inspirou o movimento feminista negro, que lutou para mostrar que as diversas formas de preconceito (raça, classe, gênero e outros) estão interrelacionados (LORDE, 2017).

No campo educacional essa luta das mulheres tem se dado há muitos anos. Um exemplo dela é o que se vê aqui nesses dois relatos de bibliotecas populares de/para mulheres. Seja na Espanha, onde a possibilidade do trabalho como bibliotecária só surge porque surgiram espaços de formação em nível básico, possibilitando o acesso ao ensino superior (MUÑOZ MUÑOZ; ARGENTE JIMENEZ, 2015), ou até mesmo na Argentina onde o espaço de produção de conhecimento masculinizado começa a receber a atuação das “mulheres da biblioteca” (BETANCOR, 2010), as mulheres nunca receberam essa autorização, pelo contrário, foram em busca e a construíram. Isso é o que faz da biblioteca popular uma possibilidade de pedagogia cultural feminista, segundo o argumento deste texto, possibilitando que outras mulheres também tenham acesso e permanência na construção do conhecimento.

Considerações finais

Este texto articulou os conceitos de pedagogia cultural com pedagogia feminista

desenvolvendo a ideia de “pedagogia cultural feminista”. Como artefato cultural a biblioteca popular foi aqui compreendida como uma pedagogia cultural feminista. Isso porque além de articular, agenciar, criar e transformar espaços de poder, a biblioteca popular atua especialmente na possibilidade de produção de conhecimento por e para mulheres, para a transformação das sociedades machistas e misóginas em outro mundo possível, onde mulheres não atuam somente em espaços naturalizados “para mulheres”, mas podem ter acesso à informação e atuar na geração de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mariana; SALCEDO, Diego; CORREIA, Anna. Um mapeamento da produção científica sobre bibliotecas comunitárias na ciência da informação brasileira. **InCID**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p.40-66, set. 2016.

ASSIS, Márcio; PALHARES, Mila. Biblioteca popular Unilavras: biblioteca itinerante como mecanismo de promoção da cidadania, cultura e lazer. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 44, n. 3, p. 488-497, set./dez., 2015.

BETANCOR, Juliana. Leyendo en el espacio local: la experiencia de las mujeres de una biblioteca popular en Neuquén. **La Aljaba**, v. 14, n. 2, p. 89-102, 2010. Disponível em: <http://www.biblioteca.unlpam.edu.ar/pubpdf/aljaba/v14a05betancor.pdf>. Acesso em 22 de dez. 2019.

BURGINSKI, Vanda. Educação e gênero: uma leitura sobre as pedagogias feministas no Brasil (1970-1990). **Revista de Ciências da Educação**, Americana, SP, v. 13, n. 24, 2011. Disponível em: < <http://revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/47> >. Acesso em 29 jul 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2013.

CARDONA, Anna Cabó. Biblioteca popular Francesca Bonnemaïson, 1909-1995: història I ús actual. **ITEM**, n. 17, p. 66-73, 1995. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2684710>. Acesso em 21 dez. 2019.

CORONADO, Xabier. Biblioteca popular circulante de Castrapol (1922-1936). **Educación y Biblioteca**, n. 133, 2003. Disponível em: https://gedos.usal.es/bitstream/handle/10366/118897/EB15_N133_P59-98.pdf;jsessionid=61BF9280D3645F1A145091E8E1C429D1?sequence=1. Acesso em 12 dez. 2019.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais e Educação: um panorama. In SILVEIRA, Rosa Maria (Org.). **Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação**. Canoas: EdULBRA, 2005. p. 107-120.

CRAWFORD, Charlotte. Newman’s Callista and the Catholic Popular Library. **Modern Humanities Research Association**, v. 45, n. 2, abr., 1950. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3719440> . Acesso em 22 jan. 2020.

DE BEAUVOIR, Simone. **Le Deuxième sexe, tome 1: les faits et les mythes**. Paris: Gallimard, 1949.

FORREST, Linda; ROSENBERG, Freda. A review of the feminist pedagogy literature: the

neglected child of feminist psychology. **Applied and Preventive Psychology**, v. 6, p. 179-192, 1997. Disponível em: <
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0962184997800078>>. Acesso em 29 jul. 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, SP: Cortez, 2011.

FREITAS, Mayanne; FÉLIX, Jeane; CARVALHO, Maria Eulina. Homens podem ser feministas? O pioneirismo dos estudos de masculinidades no nordeste do Brasil. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 27, n. 66, 2018. Disponível em:
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/7013>. Acesso em 14 out. 2020.

FREITAS NETA, Antonia de. Repensando as bibliotecas populares em Natal na década de sessenta. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

GARCIA CANCLÍNI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo, SP: EdUSP, 2019.

GESLOT, Jean-Charles; SANDRAS, Agnès. Les debuts de la bibliothèque populaire de Versailles: lecture et politique au temps de la libéralisation de l'Empire. **Romantisme**, n. 177, p. 31-41, 2017. Disponível em: <http://www.revues.armand-colin.com/lettres-langues/romantisme/romantisme-ndeg-177-32017/debuts-bibliotheque-populaire-versailles-lecture-politique-au-temps-liberalisation-lempire>. Acesso em 22 jan. 2020.

GODAYOL, Pilar. L'institut de cultura i biblioteca popular de la dona: educar en femení i en catalá. **Anuari Verdguer**, n. 17, 2009. Disponível em:
<http://repositori.uvic.cat/handle/10854/3113>. Acesso em 21 dez. 2019.

GOHN, Maria da Glória. A produção sobre movimentos sociais no Brasil no contexto da América Latina, **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 13, n. 28, p.79-103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/37844>. Acesso em 22 jan. 2020.

HENINGTON, David. The developing patterns of main library organization. **Library Trends**, abr., 1972. Disponível em: <https://www.press.jhu.edu/journals/library-trends>. Acesso em 22 jan. 2020.

LIMA, Telma; MIOTO, Regina. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004. Acesso em 15 dez. 2019.

LORDE, Audre. **A burst of light**: and other essays. New York: Fireband Books, 2017.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez., 2009. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976>. Acesso em 21 dez. 2019.

MACHADO, Aline; MACHADO, Charliton. **Gênero, movimentos sociais e Ongs**: reflexões e pesquisas. João Pessoa: EdUFPB, 2012.

MARGAIX, Didac. Biblioteca popular en internet: una experiencia en línea. **Métodos de información**, nov. 1996.

MARÍN COLORADO, Paula. La colección Biblioteca Popular de Cultura Colombiana (1942-1952): ampliación del público lector y fortalecimiento del campo editorial colombianos. **Información, Cultura y Sociedad**, n. 36, p. 65-82, jun., 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/2630/263051103005/html/index.html>. Acesso em 22 jan. 2020.

MUÑOZ MUÑOZ, Ana Maria; ARGENTE JIMÉNEZ, Montse. La formación de las bibliotecarias y las bibliotecas de mujeres en España. **Revista General de Información y Documentación**, jul. 2015. Disponível em: DOI: [10.5209/rev_RGID.2015.v25.n1.48983](https://doi.org/10.5209/rev_RGID.2015.v25.n1.48983). Acesso em 14 out. 2020.

NAVARRO, Márcia Hoppe. Entre o acadêmico e o popular: os rumos do feminismo atual. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, n. 1, jan./abr., 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100013>. Acesso em 14 out. 2020.

RICHTER, Noë. Prélude a la bibliothèque populaire: la lecture du peuple au siècles des lumières. **Bulletin de Bibliothèques de France**, Paris, v. 24, n. 6, 1979. Disponível em: <http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-1979-06-0285-001>. Acesso em 12 dez. 2019.

RUBACH, Christel. **Die Volksbücherei als Bildungsbücherei in der Theorie der deutschen Bücherhallenbewegung**. Cologne: Greven Verlag, 1962.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: Notas para una teoría radical de la sexualidade. In: VANCE, Carole. (Comp.). **Placer y peligro**. Explorando la sexualidad femenina. Madrid: Ed. Revolucion, 1989.

SILVA, Noemy; SILVA, Márcio. A contribuição da organização da informação na responsabilidade social da biblioteca da AMBEP. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. esp., p. 214-230, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/14206>. Acesso em 22 jan. 2020.

SCOCUGLIA, Afonso. **A história das ideias pedagógicas de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: EdUFPB, 2015.